

A SEXUALIDADE DA CRIANÇA: REFLEXÃO NECESSÁRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Maria Veranilda Soares Motta*

RESUMO: *A questão da sexualidade infantil é um aspecto de grande relevância a ser considerado na formação do educador, pois desta compreensão dependerá a forma como o professor agirá diante das manifestações sexuais da criança. Este artigo ressalta a sexualidade como um fenômeno natural que quando vivido de forma não repressiva constitui uma sólida base para o desenvolvimento do indivíduo.*

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Criança, Professor.

ABSTRACT: *The issue of infantile sexuality is an aspect of great relevance to be considered in the educator's formation, because the way the teacher will act in face of the child's sexual manifestations depends from this understanding. This article places an emphasis on sexuality as a natural phenomenon which constitutes a solid ground for the development of the individual when lived in a non-oppressive way.*

KEY WORDS: Sexuality, Child, Teacher.

Ao pensar na educação das crianças que hoje obrigatoriamente se encontram na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, ou seja, numa fase da vida em que a questão da sexualidade é um constante desabrochar, pensamos na formação dos responsáveis por elas nestas instituições. Como tratam as expressões masturbatórias das crianças, suas brincadeiras sexuais? Como instruem o controle esfinterial?

Sabemos que a prática de brincadeiras sexuais é característica de qualquer ser humano, e dentro da ótica reichiana¹ a ausência destas é um sinal de doença e não de saúde (REICH, 1950/1983:68).

¹ Professora da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Educação – UNIMEP-SP.

¹ Este artigo toma como referência básica o pensamento de Wilhelm Reich (1897-1957), médico e psicanalista austríaco, autor de pesquisas sobre a importância da sexualidade como fator marcante do comportamento humano.

“Em todas as camadas sociais mesmo naquelas que passam fome e privações, a infância é, mais do que todas as idades posteriores, repleta de interesse de ordem sexual. Além disso, devemos ter em mente que a fome, até certo ponto do desgaste físico, só atinge uma parte das crianças, enquanto a repressão sexual atinge, sem exceção, todas as crianças de todas as camadas sociais”(REICH, 1933/1988:185).

É natural e comum vermos crianças exhibir, observar, tocar as partes do corpo, especialmente os órgãos sexuais. Na maioria das experiências educacionais - familiar e escolar – este impulso de exibição e observação costuma desde cedo ser reprimido. Com isso

“a criança logo adquire o conhecimento de que não deve exhibir seus órgãos sexuais nem contemplar os de outras pessoas, e assim desenvolve dois tipos de sentimento: em primeiro lugar, o de fazer algo rigorosamente proibido, quando apesar de tudo cede à sua ânsia, com o que produz sentimentos de culpa; em segundo lugar, o fato de que as partes genitais são cobertas e ‘proibidas’ dá-lhe um caráter místico; de acordo com isso, a luxúria original da contemplação converte-se em curiosidade lasciva”(REICH, 1936/1981:94)

Desde que a maioria dos pais e professores estão condicionados à educação anti-sexual recebida, para eles as brincadeiras sexuais infantis se tornam um sério problema. Em cada impulso instintivo vêem um fenômeno patológico ou então um sintoma de perversidade. Usam, então, medidas disciplinares rigorosas e proibições, inibindo os impulsos sexuais da criança, o que exige dela muita atenção e controle. Não é à toa que muitas vezes as crianças se tornam quietas e começam a se encourçar² contra o mundo, perdendo assim a sua espontaneidade e graça natural. Essa inibição, a partir do medo, torna a criança subserviente. Como qualquer impulso vital passa a ser associado ao medo, a inibição da sexualidade nas crianças provoca uma paralisação da sua capacidade de pensar crítica, pois passa a se sentir alienada da experiência do mundo que começa com a percepção de seu corpo.

Por não compreenderem a criança, pais e educadores não percebem que a sexualidade livre constitui uma sólida base para a adaptação a uma vida social voluntária e para a disciplina do trabalho (REICH, 1936/1981:277). Os educadores, de um modo geral, vêem a criança como um ser imaturo, incapaz,

² Encourçar, expressão reichiana, referente ao processo de criar couraças, ou seja, criar uma blindagem defensiva para proteção dos conflitos existentes.

ignorante. Isso os impede de *ver a criança*, comunicar-se com ela, o que implica ouvi-la como criança, respeitar seus sentimentos infantis.

Annie Reich (1980) exemplifica através de situações em que a criança expõe a curiosidade sexual mostra ser a inibição desta curiosidade um dos elementos provocadores de dificuldades de aprendizagem. *“Nos casos mais simples, as dificuldades de estudar diminuem se se permite que a criança exponha seus problemas sexuais”*(1980:12).

Os professores precisam entender que, se a sexualidade infantil constitui um fenômeno natural, suas manifestações são fenômenos também naturais e necessários. A criança não deve ter a sensação de que sua sexualidade é algo pouco natural, da qual deve ser afastada. Ela não tem a menor idéia de que suas tendências sexuais podem ser julgadas diferentemente das suas outras necessidades corporais. A distorção da vida instintiva desde a infância é um dos motivos provocadores da forma doentia como se vivencia a sexualidade de nossa época. Este é um aspecto fundamental que precisa ser considerado no trabalho educativo. Cabe aqui assinalar o que ALBERTINI diz a este respeito:

“... uma educação que não acolhe, que não propicia condições para a satisfação da curiosidade sexual infantil, está inibindo não só essa curiosidade, mas o próprio desenvolvimento pleno da racionalidade humana”(1997:69).

A questão da sexualidade merece ser melhor pensada e tratada nos cursos de formação de professores. As descobertas freudianas de que a criança tem vida sexual e que a repressão sexual está na base das neuroses merecem ser melhor estudadas por eles. Apesar destas descobertas terem sido apresentadas ao mundo no início do século e apesar das inúmeras teses e dissertações, livros e artigos sobre educação sexual, ainda vivemos numa sociedade sexo-negadora e continua-se ignorando a sexualidade da criança.³

Como já foi dito, a necessidade sexual é natural e de grande importância para a formação de indivíduos mais saudáveis. Na lógica reichiana isso quer dizer que o prazer físico constitui a base para todas as funções corporais. É o prazer

³ O consenso de que fazer mistério em questões sexuais prejudica mais do que favorece fez explodir discursos e mais discursos acerca desta temática. E o falar excessivo tornou-se uma forma de inibição também. Fala-se para não sentir. Assim, a repressão cedeu lugar à permissividade, e com ela a licenciosidade em vez de uma liberdade saudável.

que impulsiona o indivíduo. Por isso é preciso garantir que o prazer da criança em seu corpo e sua capacidade de gratificação sexual não sejam destruídas. Reich evidenciou claramente que uma vida sexual saudável proporciona equilíbrio psíquico e que as pessoas que assim vivem trabalham melhor, pensam com mais clareza e têm mais vivacidade e alegria de viver.

Reich não deixa dúvida quanto às conseqüências da frustração pré-genital: bloqueia o livre fluxo energético das crianças e impede a vivência saudável de sua sexualidade.⁴ A superação dos impulsos reprimidos é uma tentativa de a criança se fazer capaz existencial e culturalmente.

“A maioria das pessoas paga essa superação adquirindo ainda em idade tenra uma neurose mais ou menos séria, isto é, uma restrição significativa de sua capacidade de trabalho e potência sexual” (1936/1981:44).

Devido a estas constatações da importância da sexualidade, muitos interpretam a teoria reichiana como um pan-sexualismo, o que é muito bem negado por RAKNES (1988:105):

“Eu acredito – e sei que Reich também acreditava – que a função da sexualidade assume uma importância exagerada apenas quando é inibida, assim como outras funções – por exemplo, a assimilação de vitaminas – assumem importância de vida ou de morte quando descuidadas ou inibidas.”

Neste aspecto, tudo o que Reich, na verdade, tentou fazer e fez foi introduzir a sexologia na sociologia e provar que a sexualidade afeta a formação da estrutura humana.

“a sexualidade não é tudo na vida. Até acrescentamos que, em pessoas saudáveis, a sexualidade não é um tópico de conversa ou o centro de seu pensamento. Mas como explicar que a sexualidade, que não é tudo na vida, realmente assuma o lugar mais importante na vida e no pensamento do homem? Esse fato não pode ser negado (...) O fluxo de energia biológica, isto

⁴ *“No entanto, é nossa obrigação salientar a atrofia da sexualidade, seu retrocesso para atividades infantis e perversas e o distúrbio mental como conseqüência do modo da abstinência sexual do adolescente. Pois são os mais trágicos os pacientes de 35, 40 e até 50 e 60 anos que vêm ao nosso consultório, com as mais graves perturbações de sua economia mental, neuróticos, irritadiços, solitários e cansados de viver, em busca de conselho e ajuda. Em sua maior parte se vangloriam de não terem vivido ‘intensamente’, o que querem dizer que evitaram o onanismo e as relações sexuais precoces” (REICH, 1981:138).*

é, de energia sexual, está perturbado na maioria das pessoas. O mecanismo biossocial da sociedade funciona mal por isso, e às vezes nem funciona”(REICH, 1949/1995:485).

Diante do exposto, a questão da sexualidade da criança torna-se de extrema importância nos cursos de formação de professores, a ser tratada como uma forma do professor ter mais elementos que lhe permitam conhecer a criança. Isso exige que ele encare a sua própria sexualidade, para que seja, ele próprio, emocionalmente sadio e tranqüilo.

É imprescindível, portanto, que a sexualidade do professor seja refletida durante a sua formação. Um professor que possa trabalhar a expressão viva e natural do aluno não pode deixar de pensar na forte presença da sexualidade na vida de crianças, jovens e adultos, batalhando para que o direito a uma vida amorosa sexual satisfatória seja garantida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, Paulo. *A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano*. In: AQUINO, J.G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, Summus, 1997.

REICH, Annie. **Se teu filho te pergunta: educação sexual para pais democratas**. Trad. Sylvia Moretsohn. Rio de Janeiro, Espaço Psi, 1980.

REICH, Wilhelm. (1949) **Análise de Caráter**. Trad. Ricardo Amaral do Rego. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

_____. (1936) **A Revolução Sexual**. Trad. Ary Blaustein, 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. (1942). **A Função do Orgasmo: problemas econômicos sexuais da energia biológica**. Trad. Maria da Glória Novak. 13ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

_____. (1950) **Children of the Future: On the prevention of sexual pathology**. Nova York, Farrar Straus and Giroux, 1984.

_____. (1933) **Psicologia de Massa do Fascismo**. Trad. Maria da Graça M. Macedo. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988.